

Consagração no Goya e em Roterdã, a reboque da arrecadação milionária de 'Ainda Estou Aqui' ampliam prestígio autoral do cineasta

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Sábado à noite, enquanto lotava salas com o impulso extra da semana de cinema a R\$ 10, o imparável "Ainda Estou Aqui" conquistou o troféu Goya de Melhor Filme Ibero-americano, na Espanha, e o prêmio de júri popular do Festival de Roterdã, na Holanda, ao passo que sua arrecadação internacional transborda. Sua receita planeta adentro já passa dos US\$ 22 milhões. A venda de ingressos da fita no mercado nacional arranha 4,5 milhões, e as cifras não param de subir, sobretudo depois de suas três indicações ao Oscar.

No dia 2 de março, em Los Angeles, a produção baseada no romance homônimo de Marcelo Rubens Paiva (de "Feliz Ano Velho") vai concorrer às estatuetas de Melhor Filme, Melhor Filme Internacional e Melhor Atriz - indicação que consagra Fernanda Torres em âmbito mundial.

Seu nome hoje é visado por Hollywood, em especial depois da conquista do Globo de Ouro, entregue a ela em janeiro. Neste domingo, vem o Bafta, a honraria máxima da indústria cinematográfica britânica, e o longa-metragem brasileiro estará lá, competindo como Melhor Filme de Língua Não Inglesa. Tanto êxito só faz subir o cacifê autoral de seu realizador, o carioca Walter Salles, hoje com 68 anos.



"Minha geração chegou ao cinema após 21 anos de ditadura militar. Muitas histórias não puderam ser contadas durante esses anos de chumbo", lembra Salles, em entrevista por e-mail ao Correio da Manhã, ao explicar seu interesse em filmar a saga da advogada e ativista Eunice Paiva (1929-2018), mãe de Marcelo, em sua batalha contra a autoridade militar instaurada no Poder em 1964. "Teria sido lógico abordá-las, mas o desastre do governo Collor no início dos anos 1990 nos obrigou a lidar com uma realidade imediata de um país novamente em crise. Quando a extrema direita começou a ganhar força no Brasil, ficou claro o quanto nossa memória dos anos de ditadura militar era frágil".

Eunice vivia na plenitude, no Rio do início da década de 1970, quando o marido, o engenheiro e ex-deputado Rubens Paiva (papel interpretado por Selton Mello), foi levado para depor por agentes armados. Nunca mais voltou. Eunice nunca parou de procurar a verdade sobre o que se passou com ele, formando-se em Direito a fim de ter munção para combater a pátria de farda verde oliva. O filme resgata esse périplo, apoiado na montagem

“Quando a extrema direita começou a ganhar força no Brasil, ficou claro o quanto nossa memória dos anos de ditadura militar era frágil”

Walter Salles

de Affonso Gonçalves.

Eleito Melhor Filme de 2024 por duas associações de críticas do país (a ACCRJ e a Abraccine), "Ainda Estou Aqui" marcou a volta de Waltinho (como é apelidado) aos longas de ficção após um hiato de 12 anos. Ele afastou-se dos holofotes depois do lançamento de "Na Estrada" ("On The Road"), adaptação do cult literário de Jack Kerouac (1922-1969), que concorreu à Palma de Ouro de 2012. Essa produção, com um elenco estelar (Kristen Stewart, Viggo Mortensen, Alice Braga, Amy Adams, Elisabeth Moss, Steve Buscemi, Garret Hedlund), pode ser vista hoje no streaming Prime Video, da Amazon (em parceria com a rede Telecine).

Nesse período de ausência das produções ficcionais, Waltinho lançou o doc "Jia Zhangke, um Homem de Fenyang" (2014) e rodou curtas ("Quando a Terra Treme"). Como produtor, assinou os créditos

do documentário "Marinho das Montanhas", de Karim Aïnouz, e da animação "Arca de Noé", de Sergio Machado e Alois Di Leo.

Plataformas digitais hoje mantêm seu legado ativo, com destaque para "Central do Brasil", que deu a ele o Urso de Ouro da Berlinale, em 1998, e concorreu ao Oscar em 1999, com indicação ainda para a diva Fernanda Montenegro (mãe de Torres, que divide com ela o papel de Eunice, em "Ainda Estou Aqui"). Há 26 anos, a produção centrada na jornada da escrevinhadora de cartas Dora perdeu para "A Vida É Bela", do italiano Roberto Benigni. Fernandona foi preterida em favor de Gwyneth Paltrow, em "Shakespeare Apaixonado".

"Central..." vendeu 1.186.859 entradas em sua carreira comercial, no fim dos anos 1990, e faturou cerca de US\$ 22 milhões mundialmente. Hoje pode ser visto na Netflix, na Amazon e no Globoplay.

Sua forma de mesclar melodrama com procedimentos documentais, amparado num olhar sobre as urgências e carências do Brasil da década de 1990 deflagrou o movimento chamado de A Nova Onda Latino-Americana, que revelou autoridades (Lucrecia Martel, Pablo Trapero, Fernando Meirelles, Alejandro González Iñárritu) em variadas latitudes do continente.

Antes de "Central...", Walter despontou nas páginas dos cadernos de cultura da Europa e dos EUA com um thriller também estrelado por Fernanda Torres, "Terra Estrangeira" (1995), que pode ser visto na Netflix.

Em sua 14ª semana em cartaz no Brasil, ocupando mil salas, "Ainda Estou Aqui" lidera há três semanas as bilheterias de Portugal. Na França, já se aproxima dos 200 mil espectadores. Nos Estados Unidos, expandiu seu circuito para 500 salas. Na América Latina, o longa já se espalha pelo México, pelo Chile, pela Venezuela e pela Bolívia. No dia 13, é a vez da abertura na Colômbia, e, no dia 20 de fevereiro, estreia na Argentina, no Peru, no Uruguai, na República Dominicana e no Equador. A cada novo lançamento, mais força a grife Walter Salles alcança.